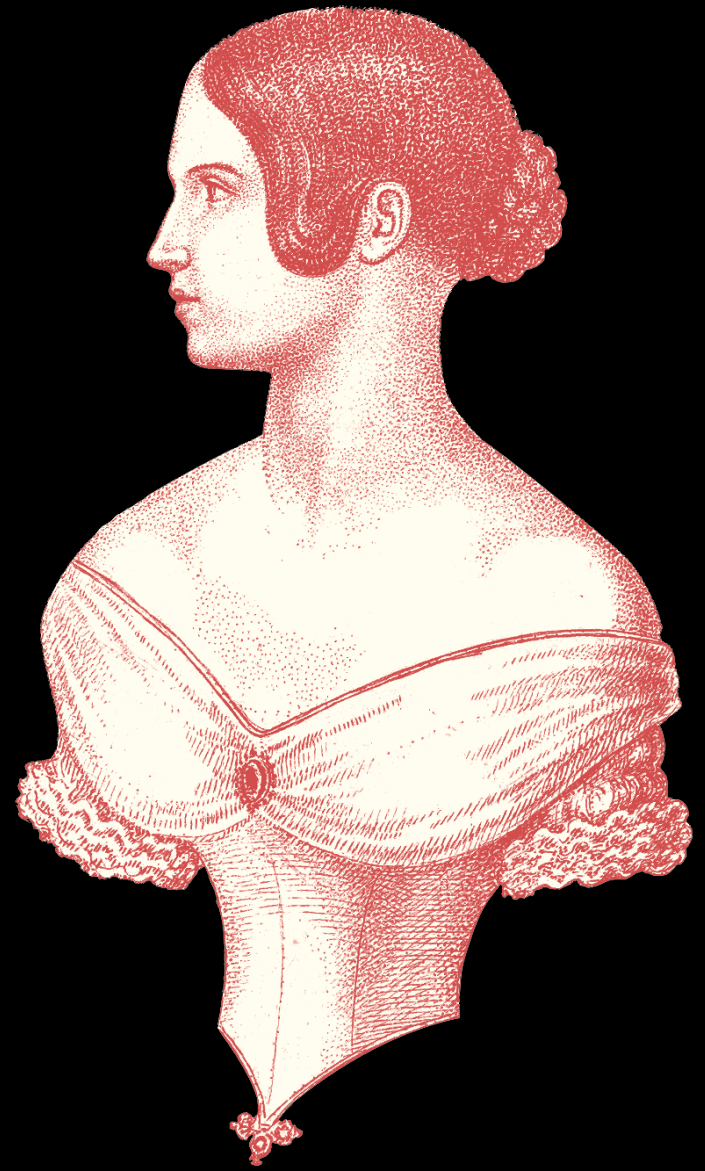




TRADUÇÃO MARCELO BACKES

RETIOR
VERO. H
RAVIT
HIGHE
EVHAE



Noites florentinas

NOITES
FLORENTINAS
THOMAS
HENRICH
HEINE

Tradução e posfácio Marcelo Backes CARAMBAIA

Sumário

Noites florentinas

Primeira noite **7**

Segunda noite **47**

Posfácio, por Marcelo Backes **91**

Cronologia **103**

PRIVILEGE

PRIVILEGE

PRIVILEGE

PRIVILEGE

NOTE

No vestibulo, Maximilian encontrou o médico, que vestia suas luvas negras naquele exato instante.

— Estou com muita pressa – exclamou o médico para ele, precipitadamente. — *A signora* Maria não dormiu o dia inteiro e só agora conseguiu cochilar um pouco. Não preciso recomendar ao senhor que não a desperte e evite qualquer ruído; e, se ela porventura acordar, não pode, de modo algum, falar com quem quer que seja. Ela tem de permanecer deitada quieta, não pode se agitar nem fazer o menor movimento, e, insisto, não deve conversar; só a distração espiritual lhe é salutar nessa situação. O senhor, por favor, conte a ela todo o tipo de histórias tolas, para que ela tenha de ouvir com toda a concentração.

— Não se preocupe, doutor – replicou Maximilian com um sorriso melancólico. — Eu já me tornei um perfeito tagarela e não a deixarei dizer sequer uma palavra. Hei de contar a ela tantas coisas fantásticas quantas o senhor desejar... Mas por quanto tempo ainda ela viverá?

— Eu estou com muita pressa – respondeu o médico, escapando.

A negra Débora, com seus ouvidos afiados, reconheceu o recém-chegado pelo andar e lhe abriu a porta com o maior cuidado. A um simples aceno dele, ela deixou o aposento em silêncio, e Maximilian se viu então sozinho com a amiga. O quarto estava na penumbra, iluminado apenas por uma única lâmpada, que lançava, de quando em quando, umas luzes um tanto tímidas, um tanto curiosas ao semblante da mulher enferma, toda vestida de musselina branca, esticada sobre um sofá de seda verde, dormindo calmamente.

Calado, de braços cruzados, Maximilian permaneceu algum tempo diante da mulher adormecida, contemplan-

do as belas formas que o vestido leve, mais que ocultar, revelava, e, a cada vez que a lâmpada lançava um rastro de luz sobre o semblante pálido, seu coração estremecia. “Por Deus!”, ele disse consigo em voz baixa. “O que é isso? Que recordação é essa que desperta em mim? Sim, agora eu sei. Aquela estátua branca com o fundo verde, sim, agora eu sei...”

Nesse momento, a enferma despertou, e, como que surgindo da profundidade de um sonho, os olhos suaves de um azul-escuro miraram o amigo, interrogando, suplicando.

— Em que o senhor pensava agora mesmo, Maximilian? — disse ela com aquela voz terrivelmente branda de quem se acha doente do pulmão e na qual acreditamos ouvir ao mesmo tempo o balbucio de uma criança, o gorjeio de um pássaro e o estertor de um moribundo. — Em que o senhor pensava agora mesmo, Maximilian? — repetiu ela, e ergueu-se com tanta vivacidade que os cachos longos cingiram sua cabeça como serpentes de ouro assustadas.

— Por Deus! — exclamou Maximilian, enquanto voltava a recostá-la suavemente no sofá. — Fique deitada quieta, não fale; eu terei de contar tudo à senhora, tudo o que eu penso, o que eu sinto, e até aquilo que nem mesmo sei!

— A verdade é que — prosseguiu ele — não sei exatamente em que eu estava pensando e o que sentia agora mesmo. Imagens da infância me passavam cheias de penumbra pela imaginação; pensava no castelo da minha mãe, no jardim ermo que lá havia, na bela estátua de mármore deitada na relva verde... Eu disse *o castelo da minha mãe*, mas peço à senhora que, de modo algum, pense que eu esteja falando de algo magnífico e suntuoso! Apenas me acostumei a chamá-lo assim; meu pai sempre deu um acento deveras especial à palavra “castelo”. E, a cada vez que a pronunciava, ele sorria de maneira tão particular. Só

vim a compreender o significado desse sorriso mais tarde, quando eu, um menino de mais ou menos 12 anos, viajei com minha mãe ao castelo. Era minha primeira viagem. Viajamos durante o dia inteiro por uma floresta cerrada, cujos escuros tremores ficarão para sempre inesquecíveis dentro de mim, e só ao entardecer paramos diante de uma longa porteira que nos separava de um grande prado. Tivemos de esperar por quase meia hora até que da cabana de barro da vizinhança saísse o garoto, que empurrou o portão permitindo que entrássemos. Eu disse “o garoto”, porque a velha Marta ainda seguia chamando seu sobrinho de 40 anos de garoto; ele, para receber dignamente seus fidalgos patrões, usou a velha libré de seu falecido tio; e se nos fez esperar por tanto tempo foi porque teve de, antes de nos receber, tirar-lhe o pó. Tivéssemos nós lhe dado mais tempo, ele também teria usado as meias; mas as pernas longas, nuas e vermelhas também não deixavam de combinar muito bem com o vermelho vivo do casacão. Se ele usava calças ou não, não lembro mais. Nosso criado, Johann, que como eu ouvira muitas vezes a denominação “castelo”, fez uma cara das mais perplexas quando o garoto nos dirigiu àquela pequena construção desmantelada onde morara seu saudoso senhor. Mas ficou mesmo consternado quando minha mãe lhe ordenou que trouxesse os colchões. Como poderia prever que no “castelo” não havia camas? E a ordem de minha mãe para que trouxesse colchões, ou ele não a ouvira bem, ou a considerara uma preocupação supérflua.

A casinha, de um só piso, que em seus melhores tempos talvez tivesse cinco ambientes habitáveis, se mostrava um doloroso quadro da transitoriedade. Móveis destrocados, tapetes e cortinas esfarrapados e nem uma única vidraça totalmente intacta, o piso levantado aqui e ali, em todo

lugar os rastros horríveis da mais ultrajante soldadesca. “As tropas que passaram por aqui sempre se divertiram muito à nossa custa”, disse o garoto com um sorriso estúpido. Mas mamãe acenou, desejando que a deixássemos sozinha, e, enquanto o garoto se ocupava com Johann, eu fui ver o jardim, que oferecia, da mesma maneira, a mais desconsoladora visão da ruína. As grandes árvores estavam em parte estropiadas, em parte derrubadas, e sardônicas parasitas erguiam-se sobre os troncos caídos. Aqui e ali, era possível reconhecer antigos caminhos entre os arbustos de teixos crescendo selvagemmente. Aqui e ali havia também estátuas, à maioria das quais faltava a cabeça ou, pelo menos, o nariz. Lembro-me de uma Diana cuja metade inferior do corpo desaparecera do modo mais ridículo cercada pela hera escura; e também de uma Deusa da Abundância de cuja cornucópia brotavam umas fedorentas ervas daninhas. Só uma estátua fora poupada, Deus sabe como, da maldade dos homens e do tempo; é certo que havia sido derrubada de seu pedestal para a relva alta, mas ali jazia intacta a deusa marmórea, com suas feições da mais pura beleza e com seus rígidos e generosos seios, que ofuscavam os olhos entre a relva alta, como uma revelação grega. Eu quase me assustei quando a vi; essa imagem me causou uma singular sensação de temor que me oprimia, e um secreto aturdimento não me deixava contemplar por muito tempo seu delicado aspecto.

Quando voltei em busca de minha mãe, ela estava parada à janela, perdida em pensamentos, a cabeça apoiada em sua mão direita, enquanto as lágrimas corriam sem parar por sua face. Eu jamais a havia visto chorando daquele modo. Ela me abraçou com ternura sôfrega e me pediu perdão, porque eu, devido à negligência de Johann, não receberia uma cama apropriada. “A velha Marta”,

disse ela, “está gravemente enferma e não poderá ceder sua cama, filho querido. Mas Johann buscará as almofadas do coche e as arranjará com todo o cuidado, a fim de que possas dormir, e te dará seu capote por cobertor. Quanto a mim, dormirei aqui mesmo, sobre a palha; é o quarto de meu saudoso pai – antes tinha um aspecto muito melhor. Deixa-me só!”. E as lágrimas brotaram de seus olhos com violência ainda maior.

Fosse pelo leito incomum, fosse pelo coração excitado, fato é que não consegui dormir. O luar penetrava de maneira tão direta através das vidraças quebradas que a mim parecia até que ele queria me atrair para aquela clara noite de verão. Por mais que eu me virasse de um lado a outro do leito, que cerrasse os olhos e logo os abrisse com impaciência, não podia pensar em nada que não fosse a bela estátua de mármore que eu vira deitada na relva. Não conseguia esclarecer o aturdimento que se apossara de mim ao vê-la; eu estava aborrecido por esse sentimento infantil e dizia baixinho com meus botões: “Amanhã, sim, amanhã te beijarei, tu, belo rosto de mármore, beijar-te-ei justo nas belas comissuras da boca, onde os lábios se fundem numa covinha tão encantadora!”. Uma impaciência, como eu jamais sentira, percorria todos os meus membros, eu não conseguia dominar mais o ímpeto estranho, e enfim levantei-me dum salto, com coragem destemida, e disse: “Queres apostar que te beijo ainda hoje, querida estátua?”. Mansamente, a fim de que minha mãe não ouvisse meus passos, deixei a casa, o que era tanto mais fácil porque o portal, ainda que provido de um pesado escudo, não tinha porta alguma; e às pressas me meti através da ramagem do jardim deserto. Não se percebia ruído algum, e tudo repousava calado e grave sob o luar tranquilo. As sombras das árvores estavam como que pregadas na terra.

Sobre a relva verde jazia a bela deusa, também imóvel; mas não se tratava de uma morte pétrea, apenas um sono tranquilo parecia aprisionar suas formas adoráveis, e, quando eu me aproximei dela, quase temi que, com o mais ínfimo ruído, pudesse despertá-la de seu sono leve. Prendi a respiração quando me inclinei sobre ela para contemplar suas belas feições; um estremecimento de pavor me afastou, uma concupiscência juvenil me puxou de volta, meu coração palpitava como se eu fosse cometer um assassinato e, enfim, beijei a bela deusa com um fervor, com uma ternura, com um desespero que eu jamais voltei a sentir ao beijar nesta vida. Também jamais pude esquecer a sensação terrivelmente doce que agitou minha alma quando o frio arrebatador daqueles lábios de mármore tocou minha boca... E, note bem, Maria, agora mesmo, quando eu estava parado diante da senhora, vendo-a estendida sobre o sofá verde em seu vestido de musselina branca, seu aspecto me fez recordar a estátua de mármore branca na relva verde. Tivesse a senhora dormido por mais algum tempo e meus lábios não teriam resistido...

— Max! Max! – gritou a mulher das profundezas de sua alma. — Horrível! O senhor sabe que um beijo de sua boca...

— Oh, cale-se, eu sei que isso representaria algo horrível para a senhora! Não me olhe de modo assim tão suplicante. Não interpreto mal seus sentimentos, ainda que seus derradeiros motivos me fiquem ocultos. Eu jamais ousaria apertar meus lábios nos seus...

Mas Maria não o deixou terminar, agarrou sua mão, cobriu-a com os mais impetuosos beijos e em seguida disse, sorridente:

— Por favor, por favor, conte-me mais de seus amores. Quanto tempo o senhor amou a bela de mármore que beijou no jardim do castelo de sua mãe?

— Nós partimos no dia seguinte – respondeu Maximilian –, e eu nunca mais voltei a ver a encantadora estátua. Mas por quase quatro anos ela ocupou meu coração. Desde aquela época, acabou por se desenvolver em minha alma uma fantástica paixão por estátuas de mármore, e ainda esta manhã experimentei sua arrebatadora impetuosidade. Eu saía da Laurentiana, a biblioteca dos Médicis e, já nem sei mais como, entrei na capela em que a mais magnífica das estirpes italianas construiu para si um sepulcro de pedras preciosas e hoje dorme seu sono tranquilo. Fiquei por uma hora inteira lá, mergulhado na contemplação de uma estátua marmórea de mulher cujo corpo imponente mostra o vigor impávido de Michelangelo, enquanto a figura inteira se acha envolta por uma doçura etérea que não se costuma encontrar nas obras daquele mestre. Nesse mármore, o reino dos sonhos inteiro está fixado com todas as suas tranquilas benesses, uma terna quietude mora naquelas belas formas, um luar apaziguador parece correr nas suas veias... é a *Noite*, de Michelangelo Buonarroti. Oh! Como eu queria dormir o sono eterno nos braços dessa *Noite*...

— Pinturas de mulheres – seguiu Maximilian depois de uma pausa – sempre me interessaram bem menos intensamente do que estátuas. Só uma vez me enamorei de um quadro. Era uma Madona maravilhosa, em uma igreja de Colônia, às margens do Reno. Converti-me, naquela época, num fervoroso papa-hóstias, e o meu ânimo submergiu por inteiro na mística do catolicismo. Naquela época teria feito muito gosto em lutar, assim como um cavaleiro espanhol, todos os dias de minha vida pela imaculada Conceição de Maria, rainha dos anjos, a mais bela dama do céu e da terra! Naqueles tempos, interessei-me por toda a Sagrada Família, e tirava o chapéu com particular afeto quando passava diante de uma imagem de São José. Mas

essa situação não durou muito, e, sem muita cerimônia, eu abandonei a Virgem quando, numa galeria de antiguidades, conheci uma ninfa grega que, durante muito tempo, me prendeu em suas cadeias de mármore.

— E o senhor amou sempre apenas mulheres esculpidas ou pintadas? – perguntou Maria, disfarçando o riso.

— Não, também amei mulheres mortas – respondeu Maximilian, em cujo rosto voltou a se expandir uma grande seriedade. Ele não se deu conta do estremecimento de terror de Maria ao ouvir essas palavras e prosseguiu falando com tranquilidade:

— Sim, é muito singular o fato de eu ter me enamorado de uma moça depois de ela já estar morta havia sete anos. Quando conheci a pequena Very, fiquei extremamente encantado por ela. Por três dias, só me ocupei dessa jovem e achava o mais alto deleite em tudo o que ela fazia e falava, em todas as manifestações cativantes de seu espírito raro, mas sem que meu ânimo sentisse emoções ternas em demasia. Tampouco caí em luto profundo quando, alguns meses depois, recebi a notícia de sua morte repentina devido a uma febre nervosa. Esqueci-a de todo e estou convencido de que por muitos anos não pensei nem sequer uma vez nela. E eis que então se passaram sete anos inteiros do ocorrido. Eu me encontrava em Potsdam para gozar em tranquila solitude a beleza do verão. Lá eu não mantinha contato com ninguém, e todas as minhas relações se limitavam às estátuas que se encontravam no jardim de Sans Souci. E foi ali que certo dia surgiram em minha memória uns traços faciais e uma maneira estranhamente amável de falar e de se mover, sem que eu pudesse me recordar a quem eles pertenciam. Nada é tão torturante como esse remexer em velhas recordações, e por isso fiquei alegre e surpreso quando, depois de alguns dias, me

